

## ENTREVISTA

---

# CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS FEMININOS NO MERCADO EDITORIAL DE BELO HORIZONTE: A TRAJETÓRIA DA PÁGINAS EDITORA

entrevista com Leida Reis

por Eliziane Cristina da Silva de Oliveira, Luana Teixeira de Souza  
Cruz<sup>1</sup>, Wagner Moreira<sup>2</sup>

Todos os esforços para jogar luzes sobre a história da edição, sob uma perspectiva de gênero, são importantes contribuições para uma história permeada por lacunas sobre a presença de mulheres que editam, empreendem, fundam editoras e tocam seus negócios no mercado editorial. Essas editoras, do passado e do presente, são pouco evidenciadas na narrativa hegemônica que constrói a história do livro no Brasil. Ouvir essas mulheres é uma tarefa de pesquisa que ajuda a retirar camadas silenciadoras responsáveis por omitir trajetórias femininas na edição. Ademais, compreender os esforços dessas editoras, conhecer as redes de sociabilidade, processos produtivos, escolhas profissionais e posicionamentos perante a edição como o ato cultural e político é um primeiro passo para garantir a essas mulheres um espaço, mais que reivindicado, legítimo de ação, trabalho e construção de novas narrativas nesse mercado.

Nesse contexto de valorizações e novas construções, trazemos para o primeiro número da Vinco a história de uma jornalista apaixonada por leituras, mas que se cansou do ritmo de trabalho das redações de jornais e resolveu se dedicar inteiramente ao mundo dos livros. Esse foi o caminho traçado pela publisher da Páginas Editora, Leida Reis, que

- 
- 1 Doutorandas do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG; elizianes@hotmail.com, luanatsc@gmail.com
  - 2 Professor do Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET-MG. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, do Bacharelado em Letras; wgnrjs@gmail.com

atuou como jornalista por 27 anos e, em 2016, fundou a editora com a publicação de dois livros infantis, mas hoje, cinco anos depois, vem se consolidando como um espaço editorial privilegiado para mulheres, tanto as escritoras, quanto as profissionais que formam a equipe: são diagramadoras, editoras e estagiárias que se dedicam ao universo dos livros. Leida também é autora de literatura infantil, romances policiais, livros de contos e uma obra de poemas a ser lançada em 2021. Mãe, empre-



endedora, atualmente dedica 100% do seu tempo à editora onde, segundo ela, não tem o conforto de um salário mensal, mas compreende que esse trabalho pode, de várias formas, abrir novos caminhos e possibilidades para mulheres no campo da edição.

A Páginas Editora não surge como feminista e nem mesmo tinha a intenção de priorizar autoras no catálogo ou temáticas femininas. No entanto, Leida Reis confessa que teve mais facilidade com mulheres pela forma como se envolviam com os projetos encabeçados pela editora. Ao recontar a história das publicações de estreia, dois livros de mulheres, os infantis de Vanessa Corrêa e Rosa Maria Miguel Fontes, a editora, aos poucos, naturaliza a consciência de apoiar a publicação das mulheres. A partir daí, Leida Reis

considera como um grande feito dar espaço à escrita feminina e ressalta a importância de ser uma mulher inspirando outras a viverem o empreendimento editorial. Além disso, a publisher posiciona a editora como independente destacando o papel relevante dessa categoria em permitir que autoras e autores expressem sua arte, levando ao mercado bibliodiversidade e construindo o que ela denomina “democracia da publicação de literatura”.

**Quem é a Leida Reis? Gostaríamos que você falasse de sua trajetória de vida pessoal e profissional, que fez com que você se transformasse em uma editora. E que comentasse, também, como a força do amor conduz esse exercício editorial.**

Nasci e fui criada em Patrocínio, no Alto Paranaíba, e na adolescência,

quando me apaixonei pelos livros, já sonhava trabalhar em uma editora, queria fazer o curso de Editoração na USP. Na minha casa e na escola do primário não havia livros, meus pais não eram leitores, mas só o gostinho dos textos poéticos, crônicas e trechos de contos nos livros didáticos, de português, me saciavam. Foi ali que descobri a literatura. Aos 12 anos eu enchia cadernos de poesia tentando imitar Carlos Drummond de Andrade, então minha grande paixão. Não foi possível ir para São Paulo, meus pais não me permitiam arriscar tanto. Acabei vindo para Belo Horizonte e cursando Comunicação Social/Jornalismo, tendo atuado por 27 anos na profissão, até deixá-la para criar a minha própria editora.

**Há discussões recentes de pesquisadoras sobre carreira e mulheres na edição (inclusive no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - Posling) em que se debatem os entrecruzamentos da vida feminina (rotinas, maternidade, trabalho e outros) com a profissão. Por que, no caso da mulher, a profissão é indissociável da vida íntima e privada?**

Estamos ainda um pouco longe da era em que a mulher deixará de ser considerada a responsável pela educação dos filhos e manutenção da ordem na casa. No meu caso, soube equilibrar as duas coisas, fui casada, tenho dois filhos, e batalhei, com sucesso, para que minha carreira (no jornalismo, até então) não fosse afetada. Não deixei de assumir cargos por causa da rotina de mulher, mas vejo que muitas mulheres sofrem, e bastante, com essa dicotomia. Não vemos homens vivendo esse martírio. Na editora, com os filhos já adultos, dedico praticamente 100% do meu tempo ao trabalho, que me exige bastante e onde não tenho o conforto de um salário no fim do mês.

**Ainda nessa direção da carreira, sabemos que iniciativas e empreendimentos que culminam com mulheres editoras à frente custaram e custam muita energia às suas protagonistas. No seu caso, que tipo de rede de apoio e redes de sociabilidade (contatos, relações) você precisou acionar para se estabelecer no campo editorial?**

Quando criei a editora eu já estava com 50 anos de idade, e a rede de contatos veio principalmente da atuação como jornalista. No início, isso me valeu mais pela credibilidade e experiência na edição de jornais por

onde eu havia passado, mas, aos poucos, chegavam até mim projetos de jornalistas que queriam publicar. Mas, sim, o início foi muito difícil, no primeiro ano eu gastei todo capital de que dispunha e muita energia, passando também pela inexperiência na edição de livro e principalmente na colocação das obras literárias no mercado. Achei que eu pudesse bancar os livros sozinha e comecei assim, com dois infantis, mas as vendas eram muito aquém do esperado e precisei começar a cobrar pelas publicações para sustentar a editora.



A Leida escreve? Se sim, qual tipo de texto? Qual é a sua relação com a escrita? Qual imaginário está nesse exercício ligado à palavra e à imagem e como ele se relaciona com a editora?

Sim, a Leida escreve e tem muito prazer com isso. Primeiro, comecei com literatura para adulto, tecendo um romance passado num hospício que acabou se dilacerando em contos. A publicação, totalmente independente, veio em 1991: *The cães amarelos*. Gostei da repercussão, mas a rotina nas redações me tirou da escrita literária e só fui publicar novamente em 2010, conseguindo, então, uma grande editora, a

Record, para lançar o romance policial *A invenção do crime*, cuja orelha foi escrita pelo grande Moacyr Scliar. Dois anos depois, outro romance policial, *Quando os bandidos ouvem Villa-Lobos*, pela editora Manduruva, de Belo Horizonte, que editou, em 2015, outra obra minha de contos, *O livro de cada um*. Essa escrita mergulha fundo no ficcional, no estranhamento diante do mundo, em personagens e ações. O lugar escolhido é entre a fantasia e o real. Só com a Páginas Editora, que começou publicando literatura para crianças, tomei coragem de escrever para os pequenos lei-

tores, para mim bem mais exigentes. Aí vieram *As árvores invisíveis*, *Super-heróis da bola*, em parceria com Gabriel Poesia, meu filho, e *Minha casa é o mundo*. Neste ano de 2021 publico o primeiro livro de poemas, *A casa dos poetas mineiros*, uma homenagem aos maiores nomes da poesia mineira.

**Como surgiu a Páginas Editora? E sobre a equipe predominantemente feminina? A Páginas Editora tem algum posicionamento sobre a reformulação da ideia de carreira de uma perspectiva feminina que envolva a flexibilização de tempo, o modelo de trabalho e a rotina de produção?**

Surgiu quando me senti exaurida do jornalismo em redação e decidi pedir demissão do jornal Hoje em Dia, em 2016. Eu havia passado pela experiência de editar um livro para uma amiga que não conseguira uma editora no prazo necessário. O autor tinha uma doença terminal e precisava realizar aquele sonho. Vi que as etapas da edição não diferiam tanto da edição de uma revista ou de um jornal de fim de semana, por exemplo. Minha primeira ideia era editar histórias de família e foi assim que divulguei a Páginas Editora. Mas outros projetos acabaram direcionando-a primeiro para a literatura infantil, depois para outros gêneros. Comecei como muitos editores independentes, trabalhando sozinha, e depois de um ano comecei a incorporar colaboradoras à equipe. A intenção nem era priorizar as mulheres, mas tive mais facilidade com elas pela forma como se envolviam também com o meu projeto. Sim, desde o início fui sensível à questão da flexibilidade. Patrícia Guimarães foi a primeira a trabalhar comigo e, mãe de gêmeas, ela precisava trocar horários, mas sempre estava disponível quando eu precisava, especialmente para lançamentos fora de hora. A diagramadora, Christiane Moraes, engravidou e preferiu passar a trabalhar em casa, e não vi problema nisso. O home-office também foi escolha da Cláudia Rezende, editora, e funcionou bem desde o início, em 2019.

**Editar e publicar mulheres foi um caminho natural? E não só isso: há muitos livros cujas personagens são mulheres... de autoras e autores... Há diferenças significativas entre editar autoras e autores?**

Os dois primeiros livros foram de mulheres, os infantis de Vanessa

Corrêa e Rosa Maria Miguel Fontes. Vieram autores também, e no início eu não tinha tanta preocupação em usar a Páginas para dar espaço ao universo feminino. Hoje tenho mais consciência da importância de se apoiar a publicação das mulheres, e esses projetos reverberam na editora e nas próprias autoras. A coleção de poesia feminina *Elas*, por exemplo, surgiu da necessidade de se comemorar o Dia da Mulher em março de 2019, quando lançamos o primeiro edital, para termos a primeira edição em outubro daquele ano, chegando à quarta no Dia da Mulher neste ano. *Mulheres que caminham juntas* e *Conversaando* foram outras importantes coletâneas de autoras, onde o foco era justamente reforçar que o mundo não pode mais ignorar a força da mulher. Publiquei livro com essa temática, (*Herstory – escreva a sua história*, de Sandra Santos) e outros como *Jardim rosa-palavra*, da Pretinha, autora que me emocionou com sua história por ter aprendido a ler e escrever depois dos 50 anos, e *Era quase amor*, onde Angélica Hodge coloca as histórias de paixão na perspectiva da mulher.

**Na perspectiva textual, a editora trabalha com algum tipo de reescrita feminina dos textos (de autores e autoras), num processo tradutório ou transcriativo, para evitar linguagens ou abordagens sexistas?**

Sim, essa é uma preocupação da editora. Claro que não podemos nos pautar pela censura do texto literário, mas é um cuidado que tomamos, e acredito que o maior feito seja o de, cada vez mais, dar espaço à escrita feminina. São elas as donas da voz. Quando um homem toma esse lugar – eu não falo de todos, claro – o risco de uma visão deturpada se coloca.

**A coletânea *Elas...* já está chegando ao quarto volume. Aqui, vemos dois desafios: editar mulheres e poesia. Como surgiu essa ideia? São muitos os desafios para se manter e tocar esse projeto?**

Ao chegar o 8 de março de 2019, Cláudia Rezende e eu vimos que não tínhamos uma promoção especial para a literatura feminina. Buscamos uma ideia para honrar as escritoras e, então, lançamos o primeiro número, sem saber que se tornaria uma coleção. Naquele Dia da Mulher lançamos o edital e a publicação veio em outubro daquele ano. *Elas, as mãos, a cura* é uma coletânea com nomes consagrados como Ana Martins Marques,

Ana Elisa Ribeiro, e donas de outras editoras, a Rosana Mont'Alverne e a Marismar Borém. Também reunimos autoras cujos textos estão em domínio público, buscando textos relacionados com a temática. Assim, estava preparado o encontro poético e esse objetivo foi bem cumprido. O lançamento foi uma grande festa, eu fiquei muito satisfeita de vê-las se conhecendo, trocando experiências, praticando sororidade. Então vi que não podia parar ali, e, naquele coquetel no Minas Tênis Clube, já lançamos a segunda edição, *Elas, as mãos, o infinito* para o 8 de março de 2020, ficando acertado que os títulos seguiriam sempre este formato. Veio o lançamento no Palácio das Artes, com roda criativa de poesia, um dos nossos últimos eventos antes da pandemia. Daquela edição participou Maria Valéria Rezende e Bruna Kalil, e da terceira, *Elas, o amor, os ramos*, Roseana Murray e Angela Leite. O quarto volume, *Elas, a escrita, os ventos* trouxe Maria Esther Maciel, Thais Guimarães, Ana Raquel, Penélope Martins e outras 30 poetisas. É um projeto que veio para ficar, não pretendemos abrir mão dessa coleção. Algumas participam desde o início e é o único espaço em que publicam, o que nos mostra como são fundamentais esses projetos de estímulo à escrita feminina. O desafio, a cada semestre, é conseguir o número mínimo daquelas que se comprometem, financeiramente, com a compra de 8 exemplares. Só assim conseguimos publicar, num formato diferenciado, papel reciclado, e, quando possível, um lançamento presencial.



Além das coletâneas, vocês fazem concurso de crônicas, como o do início da pandemia da Covid-19, e agora estão encerrando o edital do 21 poesias para o ano de 2021. Quais os motivos para os concursos e como você avalia os resultados e as publicações?

O edital do Crônicas da Quarentena veio com a inspiração e, ao mesmo tempo, certo desespero em manter a sobrevivência da editora quando tudo era incerto. Só sabíamos que o caminho, naquele início da pandemia, seria incerto. Tive que fazer cortes no primeiro momento. Vi, então, que muitas pessoas estavam publicando nas redes sociais textos grandes baseados na angústia daquele momento com o qual muitos se acostumaram, mas que, nos primeiros meses, parecia a visão do inferno. Outros textos eram engraçados ou curiosos. Estava ali um belo material de publicação. Lançamos o concurso e foi um sucesso, houve muitas inscrições. Então, depois do resultado, buscamos parceria (com a compra de exemplares) de outros participantes e montamos o livro. Fiquei muito satisfeita com o resultado. Com a antologia *21 poemas para 2021* o processo foi mais lento, tanto é que tivemos que adiar de março para abril a publicação dele, mas igualmente nos alegrou o resultado, pois são participantes de várias partes do Brasil. Esses movimentos têm mão dupla, pois ajudam a divulgar a Páginas Editora em outros estados e nos mostram a produção literária além de Minas.



O catálogo da editora é diverso e rico, vai do infantil aos teóricos. Isso aponta para um perfil amplo que torna complexa a percepção da imagem do livro e do processo editorial. Como você percebe esse processo? Isso indica linhas editoriais diversas? Caso seja afirmativa a resposta anterior, como essas linhas se consolidaram?

A princípio eu não editaria infantis, pela ideia de que são mais caros por dependerem de bons ilustradores e edições coloridas. Aconteceu de os projetos iniciais, que a editora bancou com recursos próprios, terem sido dois livros para crianças: *Bilô desembolô* e *Vovó inventa palavras*.



Acabei me identificando com eles antes que outros livros chegassem até mim. Afinal, eu não era conhecida no mercado e praticamente não recebia originais. Mas percebi que não poderia ficar só nesse gênero, e comecei a publicar romances, contos, poesia. Os técnicos vieram depois, criei o selo Saberes e o selo Yolo para literatura jovem. Há cerca de um ano e meio tive receio de que a variedade do catálogo pudesse deixar a Páginas sem identidade. Não consegui um selo infantil que remetesse ao nome da editora e, uma vez que ela começou a ficar conhecida, eu não podia abrir mão do marketing para iniciar publicações com outro nome. Mas, a partir de reflexões e conversas com outros editores, percebi que essa seria a marca da Páginas: publicar de tudo um pouco. Hoje me orgulho de ter bons livros de poesia, romances, infantis, contos, crônicas, e técnicos excelentes como *A história do suicídio*, de Alexandre Reis, e *Para ler Grande Sertão: Veredas*, do professor Luiz Carlos de Assis Rocha.



**A editora utiliza ou já utilizou alguma política pública que leve em consideração o livro em seu processo de publicação? Isso seria algo importante para a editora?**

As políticas públicas são aliadas do mercado editorial. No passado representaram a sobrevivência de grandes editoras, como sabemos, e os editais hoje estão mais escassos. Mas em dois momentos consegui aprovar livros para escolas: *Petrina*, de Lindomar da Silva, adotado na rede municipal de São Paulo em 2020, e *A chave do ouro*, de Angela Leite Xavier, aprovado no Kit Literário da Prefeitura de Belo Horizonte neste ano.

Com a Lei Aldir Blanc, neste ano, estamos publicando seis livros, sendo cinco de projetos aprovados por autores enquanto pessoa física, e um pela editora, o meu primeiro de poesia, *A casa dos poetas mineiros*, em que construí textos para homenagear grandes nomes de ontem e hoje da nossa produção poética. Aprovei também um projeto na Lei Municipal de Incentivo à Cultura de BH para publicação de um livro de fotos sobre a Guarda do Rosário do Alto dos Pinheiros, de Vera Godoi.

Outros projetos foram escritos, especialmente para o projeto *A paixão do leitor* e o *Clube do Livro Infantil Solidário*, mas ainda sem sucesso.

**O feminismo como teoria geral tem contribuições imensas em vários âmbitos sociais e disciplinares. No caso do mercado editorial, algumas legitimações que parecem neutras e objetivas, na verdade, respondem a critérios dominantes patriarcais. A editora se auto define como feminista? Se sim, como articula esse feminismo? Como você vê a editora e sua relação com a cidadania?**

Eu não comecei o trabalho na editora pensando nesse perfil feminista. Há editoras, como a Pólen, no Rio (está mudando de nome, não sei se já mudou) e aqui a Editora Luas, criadas exclusivamente para publicar mulheres. No entanto, acho que as editoras mulheres, e, para citar algumas, temos aqui a Rejane, da Autêntica, a Rosana, da Aletria, a Maíra, da Relicário, Marismar, da Cora, a Iriam Starling, da Eis, a Cecília Castro, da Luas, Karine, da Venas Abiertas, e algumas outras, são a própria expressão prática do feminismo. Quando nós nos tornamos empreendedoras no mercado editorial, não importa se publicamos também autores homens, importa sermos mulheres abrindo espaço para outras que podem ser inspiradas nesse negócio. E nós não vivemos apenas para receber um pro-labore uma vez por mês. Meu comprometimento com a leitura é que me move, porque quando era jornalista eu ganhava o dobro do que tiro hoje da editora. E ainda há um peso enorme de compromisso com uma equipe de seis pessoas fixas que dependem que a editora se mantenha firme, apesar de tantas dificuldades, como vendas baixas, dificuldade de distribuição, pouquíssima ajuda dos governos, dificuldade de crédito. Quando você fala de cidadania apresento o Clis, o Clube do Livro Infantil Solidário, que sobrevive na pandemia pela parcela de investimento da própria Páginas. É um projeto social-cultural que criei em 2017 e leva livros mensalmente à crianças de um abrigo, bancado por assinatura de madrinhas e padrinhos através do site [www.clis.com.br](http://www.clis.com.br). Quando era presencial, o escritor participava autografando os livros e, do evento, também participava um contador de história. Um projeto realmente de formação de leitor, mas que continua com número reduzido de beneficiados, aguardando que alguém venha com apoio significativo.

**Geralmente, a circulação dos livros e a localização da editora e/ou livraria influenciam muito nas decisões editoriais e suas estratégias mercadológicas, como isso se dá, segundo o seu olhar, na Páginas Editora? Ainda nesse sentido, como se dá o processo de diagramação e a relação da editora com as redes sociais? Como é pensada, por exemplo, a relação entre as linguagens visuais e verbais que você edita?**

Uma pergunta bem ampla. Com a internet, acredito que não importe tanto a localização da editora. Mas, em março de 2020, inauguramos a Livraria Páginas (rua Padre Eustáquio, 2475, loja 6, bairro Padre Eustáquio) e desde então queremos ter também uma atuação local, especialmente com a livraria, ser um instrumento de incentivo à leitura nos bairros vizinhos, proporcionar o encontro com o livro físico. Claro que se não houvesse pandemia o resultado seria outro. Mas, pela editora, participamos de eventos fora de Minas, indo por duas vezes à Flip, e editamos autores de fora também. Em relação à imagem, temos duas diagramadoras que prestam serviço e eventualmente contratamos outros profissionais, e cada projeto é tratado de uma forma. Buscamos manter um padrão visual e trabalhar com boas gráficas, ainda que não sejam as mais baratas. Isso é fundamental. Como trabalhamos muito com livros infantis, a Páginas tem também, na equipe de colaboradores, a ilustradora Mariana Tavares. Cerca de 70% dos nossos livros para crianças passam pelas suas mãos talentosas. No início, eu mesma cuidava das redes sociais, com menos constância e recursos visuais que temos hoje, contando com uma profissional. Basicamente temos Instagram e Facebook, mas usamos o Google, por exemplo, para a livraria, o que facilita a sua visibilidade.

**Há um espaço de diálogo entre o/a autor(a) e a editora para que se possa construir a publicação? Como isso se dá?**

Nenhuma publicação sai sem esse diálogo inicial e constante. Quando comecei, ouvi de autores que haviam publicado por outras editoras que eles às vezes sequer conheciam o ilustrador, e eu trouxe reuniões entre autor e ilustrador antes da concepção visual do livro para crianças. Acho que é importante que esse desenho da forma como será confeccionado o livro seja feito de forma democrática. Como muitos autores estão pagando pela edição de seus livros, é preciso que suas expectativas sejam

ouvidas e analisadas. Nos demais, da mesma forma, sugerimos títulos, alterações nos textos (além da revisão convencional), da mesma forma que os autores trazem suas demandas. Geralmente tentamos acordar tudo antes do processo de edição ter início, mas muitas vezes esse diálogo se dá durante todo o processo.

**Para você, como pode ser definida a edição atualmente? Como projeto cultural? Como ação política?**

A edição é uma forma de atuação cultural na sociedade e, claro, representa um posicionamento político no sentido amplo. Permitimos que autoras e autores expressem sua arte, tirem da gaveta seus projetos e os lancem ao mundo leitor e não leitor (muitas vezes um parente vai ler aquele livro como o primeiro após a saída da escola!). Ofertamos ao mercado a bibliodiversidade, para que a produção não se concentre nas mãos das grandes editoras, uma vez que elas fazem uma seleção bastante restritiva da produção literária. As editoras independentes têm um papel relevante nesse mercado, por isso elas são a própria democracia da publicação de literatura. Também somos canal de uma forma de cultura de arte fundamental desde os primórdios. É pela escrita que se dá a concretização de pensamentos e sua disseminação. Não falo só do livro de papel, o livro digital tem imenso potencial de chegar a cada vez mais leitores. Embora eu prefira o livro físico, as novas plataformas são recursos fantásticos de se levar a literatura a um número maior de leitores. Desde que as histórias sejam resguardadas e autores e editores não deixem de receber seus direitos autorais e de edição, que cresça o espaço digital da leitura. O importante é que a literatura tenha espaço no representativo da cultura.

Data da entrevista: 21/02/2021